MICRO CRÉDITO

Número 19
Abril 2004
Bimestral

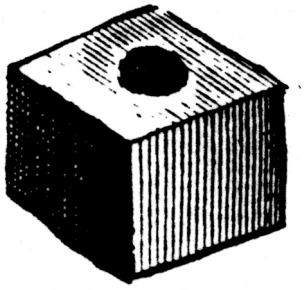
BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE DIREITO AO CRÉDITO

Números de 2003

Em 2003 concretizámos 562 contactos, 202 entrevistas preliminares (1ª entrevista), instruímos 140 processos de negócio (2ª entrevista) e apresentámos 126 propostas de empréstimo às Comissões de Crédito. Deste trabalho resultaram 91 novos microcréditos que correspondem a 104 postos de trabalho criados e representam 398.160 Euros de crédito concedido. As três Comissões de Crédito reuniram 28 vezes, publicaram-se 3 números deste Boletim e a Equipa Técnica participou em 3 acções de formação. Estes números constam do Relatório de Actividades da Direcção, relativo ao ano passado, aprovado na Assembleia Geral de 22 de Março. As Contas de 2003, também aprovadas na mesma AG, salientam um resultado positivo que permite cobrir o resultado negativo do ano anterior e mostram que quase dois terços das despesas da ANDC dizem respeito à remuneração de trabalho, seja da Equipa Técnica, seja de outros colaboradores ou de Animadores Locais. Um pouco mais de 90% das nossas receitas têm origem no acordo celebrado com o IEFP. ▼

Voluntários

QUOTAS E ORGANIZAÇÃO



Realizámos, em 22 de Março, a Assembleia Geral da nossa Associação, que teve como assunto principal a discussão e votação do relatório de actividades e de contas relativo a 2003. Sobre o desempenho da ANDC no ano findo, temos dado notícia neste boletim e no sítio da ANDC; aqui e agora, queremos realçar três aspectos: o voluntariado, as quotas e a melhoria da organização.

1. Este foi o ano em que o contributo de **voluntários** ganhou expressão na ANDC, pelo número de pessoas que manifestou vontade de colaborar, pelas iniciativas de acolhimento e de informação, pelo debate que desencadeou.

O voluntariado é um recurso que a sociedade portuguesa ainda não aproveita como devia, sobretudo pela dificuldade em lhe dar o justo enquadramento institucional. De facto, trata-se de gerir a relação entre necessidades e competências, entre utilidade social e realização pessoal. Também para nós constitui desafio o envolvimento dos voluntários em tarefas técnicas específicas, no acompanhamento ou na divulgação.

2. Em 2003, a ANDC acolheu 40 novos associados, mas diminuiu o número de **quotas** pagas, o que denota atrasos significativos (em parte já recuperados no início de 2004). A situação económica geral ou a fase do ciclo de vida da Associação poderão explicar o ocorrido. Mas não será demais insistir na importância da contribuição financeira como expressão de participação num projecto comum e como afirmação de uma adesão implicada a um projecto.

3. A caminho do quinto ano de existência em Portugal, a proposta de Microcrédito, apresentada pela ANDC, atingiu um nível apreciável de capacidade técnica, de **organização** e de afinação de procedimentos. Uma melhor organização é fundamental, mas não deixa de ser instrumental, porque o critério que, de facto, importa é o dos projectos que, ao concretizarem-se, permitem aos seus promotores encontrarem um novo e melhor caminho para a sua vida. Ora, neste capítulo, o ano de 2003 foi bastante melhor que o ano anterior, com 91 novos microcréditos creditados, que correspondem a 104 postos de trabalho criados e a quase 400.000 euros de crédito concedido. Mas é ainda insuficiente face ao investimento e à capacidade que temos hoje e, sobretudo, face às necessidade a que procuramos responder.

Por isso, há que continuar a investir em tudo o que promova o contacto entre os potenciais micro-empresários e o Microcrédito. Não quer dar também o seu contributo para este objectivo? ▼

José Maria Azevedo

HISTÓRIAS DE TODOS OS DIAS

andc

A Banca ao serviço do povo

Um Banco ao serviço do homem e não para se servir do homem. Uma realidade que começa a ser resposta para alguns, infelizmente ainda poucos, através da ANDC.

Um banco que vai ao encontro das pessoas, não para fazer negócios chorudos, mas para criar condições que permitam ao micro-empreendedor desenvolver o negócio que pode mudar a sua vida.

Uma experiência nova na minha vida, como agente de microcrédito. Transportar a esperança, alimentar legítimas expectativas, sopros de vida para quem a sente perdida.

Que prazer sentar-me no banco de madeira, daquela mulher com três filhos! Sonha que é possível, com um pequeno forno de olaria, servindo-se da sua veia criadora, fazer pequenas peças de barro para vender nas feiras de artesanato.

Entrar na casa humilde, cedida e partilhada com a mãe, temporariamente, e ouvir a história da mulher que quer ser florista, para dar de comer a quatro bocas. A empresa de confecções fechou, o marido foi posto fora de casa pelo tribunal, devido aos maus tratos que lhe infligia, marcado pelo mal dos tempos modernos – a droga.

Ouvir a história da mulher, que durante cinco anos lutou para tirar o marido da droga e conseguiu-o, apenas com uma Singer 1949 cedida pela mãe às escondidas do pai. Agora, passados oito anos, ainda com algumas dívidas de tempo recente, continua a fazer «milagres» com a velha máquina, única fonte de receita do casal e filha de 8 anos. Precisa de uma «corta e cose».

O homem alegre que vende a «Cais». Outrora ourives, uma família; mulher e dois filhos, a quem «o querido pai que Deus tem», pregou uma partida, falsificando-lhe cheques de valor elevado, com a sua assinatura. O que o levou à fuga, ao regresso roído pela saudade, à cadeia, ao abandono, ao álcool, à rua... Onde ainda se consegue ler nos seus olhos um riso de esperança de que vai conseguir montar a sua pequena empresa de venda de artigos para ourivesarias e sair do buraco em que caiu.

Passear por esse Portugal fora com o artesão, que de feira em feira expõe a sua arte. Um Verão menos feliz lançou-o na penúria. Corria o risco de não ter artigo para vender. O Inverno longo esgotou-lhe algumas reservas. Salvou-o o microcrédito. Hoje continua a luta e por onde passa leva a ANDC.

Um pouco da história, verdadeira, que um agente do microcrédito vive em cada dia... ▼ ***J.T.***

JOSÉ CENTEIO participou, de 3 a 5 de Março, em novo encontro transnacional do projecto Equal «Dinamização Empresarial de Loures». Foi uma reunião de auto-avaliação, mas aproveitou-se para ultimar alguns produtos e limar as arestas de alguns outros, já que o projecto transnacional termina em Junho. Os parceiros franceses do «Objectif Emploi» e os parceiros espanhóis da União das Cooperativas Madrilenas fizeram uma rápida visita à ANDC. A reunião final ficou agendada para 2 a 4 de Junho, em Madrid.

NO ÂMBITO **de um projecto Equal dinamizado pela Associação Alentejo XXI, a ANDC foi convidada a participar num encontro transnacional para dar a conhecer a sua experiência no âmbito do microcrédito. O encontro, em que fomos representados por Fátima Belo, teve lugar no dia 5 de Março e nele participou também um técnico do BCP, enquanto parceiro nesta aventura chamada microcrédito.**

JOSÉ TEIXEIRA participou numa conferência organizada pela Associação de Investigação e Debate em Serviço Social (AIDSS) e pela Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, realizada a 10 de Março e tendo como temática «Do desafio do global às organizações e técnicos que trabalham no local». À ANDC foi solicitado que falasse da sua experiência e da importância do microcrédito no desenvolvimento da economia local, sobretudo em zonas com populações fortemente excluídas. ▼

MICROCRÉDITO EM QUELIMANE

Moçambique

A minha experiência

VERA MOTA esteve presente, no dia 20 de Março, numa acção de divulgação do microcrédito em Pombalinho (Golegã). Esta acção foi dirigida a cerca de 25 mulheres-desempregadas, domésticas, empregadas fabris ou reformadas – que haviam terminado um curso de formação no âmbito de um projecto Leader/Aproder. Nesta acção participou também a associada Teresa Silva Alves, mas enquanto formadora envolvida no projecto.

A SANTA **Casa da Misericórdia de Sintra endereçou à ANDC um convite para participarmos activamente na divulgação do microcrédito junto de algumas populações do concelho já identificadas e no apoio às pessoas que, depois, vierem a criar micro-empresas.**

DURANTE os primeiros três meses de 2004, o Millennium/BCP aprovou 24 microcréditos apresentados pela ANDC, no valor de 110 mil euros. No mesmo período foram aceites 7 novos associados.

A ANDC **participou, em Lisboa, na apresentação do primeiro inquérito sobre a «Responsabilidade Social das Empresas» realizado pela «Sair da Casca». O debate sobre os resultados do inquérito contou com a participação de Maria José Ritta.**

CONTACTOS tidos com os Rotários de Gaia estão na origem de um protocolo de colaboração com a ANDC que será assinado no final do mês de Abril. ▼

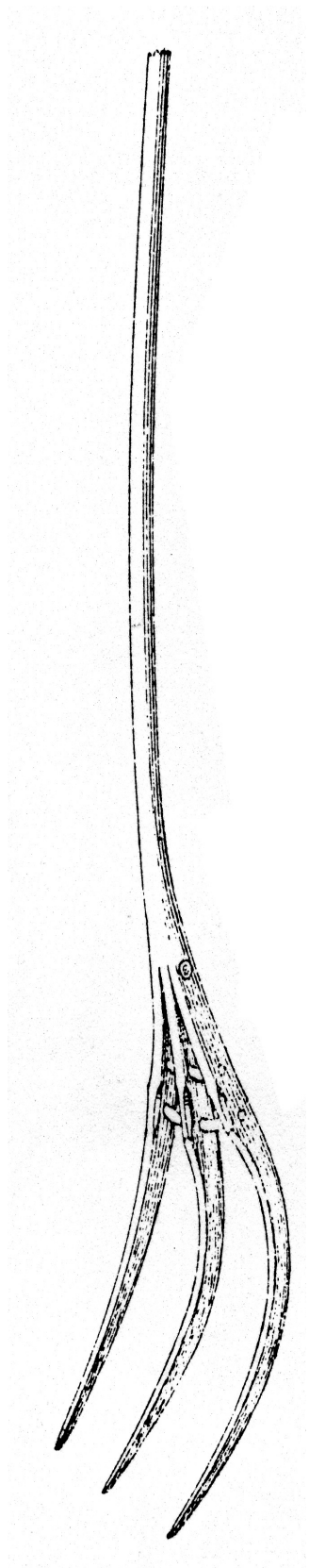
Duas instituições de microcrédito, ambas ligadas a Organizações Não-Governamentais (ONGs), actuam em Quelimane, cidade do centro-norte de Moçambique, capital da província da Zambézia, outrora um importante porto e centro de comércio. Eu tive a oportunidade de colaborar directamente com uma daquelas instituições – a Karela que, na língua local (chuabo), significa «Enriquecer».

As pessoas a quem a Karela presta os seus serviços pertencem às zonas rurais pobres nos arredores da cidade, são fundamentalmente mulheres, cujos rendimentos mensais são muito baixos e incertos. As suas principais actividades são, entre outras, a pesca e o comércio de peixe, a apanha e o comércio de frutos, ou o serviço de transporte de pessoas entre o campo e a cidade (a bicicleta, feita táxi, é o veículo mais usado para este fim).

Quais são então as condições de crédito oferecidas pela Karela? Os empréstimos são feitos a grupos solidários constituídos por 4 ou 5 mulheres. O valor máximo, por cada membro, é de 500.000 meticais (cerca de 25 USD), pelo prazo de 16 semanas, com reembolsos semanais.

O método da Karela

Existe uma comissão de crédito que se reúne todas as terças-feiras e da qual fazem parte os gerentes das agências e os promotores (animadores). As propostas para concessão de novos empréstimos são apresentadas pelo promotor que as preparou e a decisão é tomada por simples maioria. Todos os sábados as clientes deslocam-se à representação da Karela na sua comunidade, pois é o dia de pagamento das prestações e recebimento de novos empréstimos.



Em que base são calculados e atribuídos os valores dos empréstimos? Um grupo organiza-se e apresenta-se à Karela para obter um empréstimo. Para cada membro do grupo é criada uma ficha de cliente, onde são inseridos os dados pessoais e do agregado familiar e os dados relativos à actividade a que se dedica. Com base nesta informação é então feito o cálculo aproximado do seu rendimento e da sua despesa mensal (não existe qualquer documento comprovativo). Assume-se que cada cliente, em geral, possa dispor de 1/3 do seu rendimento líquido para amortizar o empréstimo (incluindo juro).

A Karela existe desde Maio de 2001 e detém em carteira cerca de 2.500 clientes. A sustentabilidade financeira parece ser um objectivo difícil de atingir para esta instituição. A realidade das zonas rurais, a pobreza e a consequente dificuldade destas mulheres em aplicar efectivamente o dinheiro que lhes é entregue em investimento (pois, por vezes, as necessidades básicas falam mais alto), o reduzido valor dos empréstimos, e uma estrutura relativamente pesada de custos administrativos da própria Karela condicionam a possibilidade de sustentabilidade.

Para além da actual reestruturação interna a nível de custos, uma possível solução é o desenho e concretização de novos produtos que possam ter um efeito positivo sobre o negócio da Karela, tais como, empréstimos individuais a clientes na cidade onde a produção artesanal e o comércio estão bastante mais desenvolvidos. ▼

Cláudia Azevedo

CRÉDITO PESSOAL

José Lopes Tavares
A moto-serra que faltava

A coisa dava para desconfiar... Primeiro, diziam-lhe que sim senhor, era para pessoas como ele que o microcrédito existia. Depois, que não era preciso ir a nenhum lado, nem preencher papéis, alguém o viria visitar a sua casa dentro de dois dias. Não dava para acreditar. Mas hoje, a moto-serra e o tractor fazem toda a diferença.

Era uma manhã de chuva. Lia o jornal no café. O frio e a chuva dificultavam-lhe o duro trabalho de recolha de lenha. O dinheiro que ia conseguindo obter, mal dava para sustentar os cincos filhos que a vida lhe tinha dado. Mais um ano em que era preciso pagar o comer, os livros e os materiais da escola dos miúdos. Mas, por mais que tentasse esticar o dinheiro, este nunca chegava. Sentia um tremendo desalento. Nem podia entregar a lenha que tinha recolhido, pois o tractor que alugava estava novamente avariado.

José Lopes Tavares olhava o jornal já sem qualquer esperança de uma notícia que o fizesse sorrir, algo que o fizesse recuperar a capacidade de vislumbrar uma vida melhor. Lá longe, no Bangladesh, um homem teimava em acreditar nas capacidades dos mais pobres. E já em Portugal havia quem pensasse da mesma forma. E foi como se, do cinzento da chuva, brotasse um raio de sol. Seria verdade? Poderia sonhar? Ou tratar-se-ia de mais uma vigarice para enganar aqueles que já nada têm? Mas pelo menos valia a pena tentar...

E à distância de um telefonema a sua vida estava a mudar... Microcrédito: crédito para aqueles que não o tinham... Depois do telefonema, ficou ainda mais surpreendido. A pessoa que o atendera dissera-lhe que dentro de dois dias viria a sua casa para falarem melhor da hipótese de o apoiarem. Uma entidade que tinha por método deslocar o técnico para conhecer as pessoas e até pedia que o recebessem na sua habitação, não era habitual...

No dia da reunião os nervos eram alguns. Perguntaram-lhe o que era necessário para viabilizar o negócio. Neste caso, com uma moto-serra adicional e os respectivos acessórios, a esposa também o poderia ajudar; com um tractor já usado, para poder deslocar a lenha, e algum fundo de maneio para fazer um investimento em lenha com dinheiro à vista, ele não tinha dúvidas de que o negócio cresceria.

Depois de algumas entrevistas com o técnico, o projecto foi aceite e alguns meses depois a vida desta família começava a melhorar. E qualquer dia... os planos não param!

Um ano depois, olha o tractor parado em frente de casa. E sorri, agradecendo em surdina a um homem de tez morena que, lá longe, no Bangladesh, arriscou acreditar naqueles em que mais ninguém acreditava. ▼ ***N.R.***

Maria Luísa Rodrigues, Viúva, costureira e avó

Maria Luísa é uma pessoa economicamente desfavorecida sem qualquer hipótese de vir a obter crédito bancário. É no entanto alguém com enorme capacidade de dedicação, familiarmente estruturante e com objectivos de vida bem definidos. Possui um saber-fazer. Com coragem e muito esforço foi-lhe possível romper com o ciclo de pobreza.

Aos nove anos já Maria Luísa trabalhava, ajudando a modista que praticamente a criou. Muitos anos mais tarde, já casada e com dois filhos, viu-se obrigada a deixar o lugar de auxiliar de educação para dar assistência ao lar: aos dois filhos ainda pequenos e ao marido enfermo, que pouco tempo depois veio a falecer. A sua situação de desamparo não passou despercebida à Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e à assistente social da freguesia. Em articulação com a paróquia e a Câmara, a família que vivia numa barraca do Bairro das Murtas, vizinho do Hospital Júlio de Matos, veio ser a realojada num apartamento em condições mais dignas.

Tendo por rendimentos uma pensão de sobrevivência e o RMG, Maria Luísa foi capaz de redefinir os seus objectivos imediatos: tentou criar a sua própria actividade económica para superar a situação de penúria em que se encontrava. Abrir um ateliê de costura não era tarefa fácil. A sua determinação levou-a a conseguir reunir apoios diversos: veio a obter um financiamento FAINA a fundo perdido e um microcrédito no valor de €2500.

O dinheiro permitiu-lhe adquirir uma máquina de costura nova, mesa, cadeiras, algum material para poder começar logo a confeccionar e abrir loja no Centro Comercial Brasil. Passado algum tempo, a micro-empresária preferiu estabelecer-se num local mais acessível, atraente e acolhedor e, sobretudo, dispondo de porta para a rua. O novo «Atelier de Costura Luísa Rodrigues» situa-se praticamente em frente ao Hospital Júlio de Matos, no 112-A da Av. de Roma. Ali confecciona roupa de senhora e criança, cortinados, almofadas, sacos, executa trabalhos de decoração com tecidos e pequenos e grandes arranjos de costura.

No entanto, a mudança não foi uma opção simples. Um dos maiores problemas reside precisamente no lado das despesas: a renda do estabelecimento é um esforço económico considerável. Sendo a sua actividade sujeita a fortes flutuações, nem sempre a facturação lhe tem permitido retirar uma remuneração própria. Apesar de agora ter maior estabilidade económica, a sua vida não deixou de ser esforçada: para além de cuidar dos seus dois filhos, grande parte da sua disponibilidade vai agora para o neto com um ano de idade.

Os 36 meses de pagamento de uma prestação fixa de €84 estão neste momento a chegar ao fim. Foi um esforço que valeu a pena. Nada ficou como dantes: o pequeno montante de microcrédito tornou-se uma bola de neve capaz de construir autoconfiança, dignidade e credibilidade à sua volta.

Contactos para a loja 21-77 55 834 ou 91-40 10 453. ▼ ***P.F.***

MICRO CRÉDITO

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE DIREITO AO CRÉDITO

PROJECTO APOIADO PELO IEFP - INSTITUTO DO EMPREGO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

http:\\www.microcredito.com.pt

Rua Castilho, 61 - 2º Dt. 1250-068 Lisboa | Telf 21 386 36 99 | Fax 21 386 52 78 | E-MAIL: microcredito@microcredito.com.pt
Parque Itália - Rua Júlio Dinis, 748-Sala 301 - 4050 Porto | Telf/Fax 22 600 28 15 | E-MAIL microcredito@microcredito.com.pt